

O princípio do prazer de Meursault em *O Estrangeiro* de Albert Camus

Abstract: This article will discuss elements of Albert Camus' novel *L'étranger* [*The Stranger*] that involve the characterization of the protagonist Meursault. It intends to demonstrate the coherence of the character, even within Camus' absurd logic, using Freud's concept of the *pleasure principle*. What can be found is a scathing criticism of society and its values, taken to extremes by the inversions utilized by the author. Death, at first a punishment, becomes liberation. The crime for which Meursault should be judged – murder –, pales into insignificance in the face of the judgment of his mother's death – from natural causes. Through accepting his death sentence he is brought to life. Inversions such as these, together with Meursault's coherence, map an absurd game in which the pleasure principle is the only constant. Until, that is, *caution is thrown to the wind* and the balance is destroyed.

Keywords: Freud, Camus, character, absurd, pleasure principle, logic.

Resumo: O presente artigo discute algumas questões do texto de Albert Camus, *O Estrangeiro*, que levam em conta a caracterização da personagem principal, Meursault. O que se procura aqui é mostrar uma coerência da personagem, ainda que dentro da lógica absurda de Camus, tomando por referência o conceito do *princípio de prazer* freudiano. O que se vê é uma crítica contundente à sociedade e seus valores, levada ao extremo pelas inversões propostas pelo autor. A morte, primeiro castigo, vira liberação. O crime pelo qual deveria ser julgado – um assassinato – passa a segundo plano, dando lugar ao julgamento pela morte da mãe – uma morte natural. A aceitação da sentença de morte o traz à vida. Tais inversões e a coerência de Meursault desenham um jogo absurdo no qual o único princípio perene é o princípio de prazer. Até o ponto em que ele coloca o gozo *antes da cautela* e esse equilíbrio se rompe.

Palavras-chave: Freud, Camus, personagem, absurdo, princípio de prazer, lógica.

Sim? Mas, então, está irremediavelmente destruída a concepção de vivermos em agradável acaso, sem razão nenhuma, num vale de bobagens? Disse. Se me permite, espero, agora, sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. Solicito os reparos que se digne dar-me, a mim, servo do senhor, recente amigo, mas companheiro no amor da ciência, de seus transviados acertos e de seus esbarros titubeados. Sim?

Guimarães Rosa

Baudelaire em *Le mauvais vitrier*, um de seus *Poemas em Prosa*, pinta a história de um homem que abre a janela logo ao acordar, no exato momento em que um vidraceiro passa anunciando seu produto – vidros para as janelas –, aos gritos. O homem, tomado por uma fúria súbita e irresistível, pede que o vidraceiro suba e pergunta-lhe:

Como? Você não tem vidros coloridos? Vidros cor-de-rosa, vermelhos, azuis, vidros mágicos, vidros do paraíso? Insolente você é! Você ousa passar por bairros pobres e não tem nem mesmo vidros que façam ver a vida bela? (Baudelaire, 1973, p. 285)

Então ele empurra o comerciante escada abaixo e ainda faz tombar sobre ele um vaso de flores, que joga de seu balcão. Ao final do poema tudo está estilhaçado, tudo se quebrou, só restaram os cacos. No entanto, “o que importa a eternidade da danação para quem encontrou num segundo o infinito do gozo?” (Baudelaire, 1973, op. cit).

Para o homem que acabara de acordar era um absurdo ouvir anunciar pelas ruas vidros através dos quais não se pudesse ver mais beleza na vida. Embora passe boa parte do poema tentando justificar o ato tresloucado, ele *queria* ver através de sua janela o paraíso, a rua cor-de-rosa, os passantes azuis. O mundo colorido, insidiosamente fluido. O fato de acabar com toda a mercadoria de um outro homem, que apenas encontrara uma maneira de ganhar a vida vendendo vidros, pouco pesou no momento da decisão, no momento do *prazer*. Perdido nesse ódio prazeroso, nada mais poderia ter importância. Tudo se justificava pela sensação presente. Ele buscava aquele *gozo*, aquele momento de felicidade em meio ao absurdo da vida, uma felicidade que Freud situou no *princípio de prazer*:

O que pedem eles (os homens) da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer (Freud, 1998, p. 2).

Esse prazer norteia em certa medida, segundo Freud, o cotidiano dos homens, é a chave do contrato entre homem e sociedade, a maneira através da qual ele tenta sobreviver. É como a promessa de que a satisfação – e não a loucura – será alcançada.

Em *O Estrangeiro*, Albert Camus fixa na personagem do seu herói, *Meursault*, a imagem do homem que vive – mais intensamente que os outros homens – pelo *princípio de prazer*. O conceito aqui utilizado é o

que se encontra no texto de Freud, em *Além do Princípio de Prazer*, segundo o qual

o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante. Esta última hipótese constitui apenas outra maneira de enunciar o princípio de prazer, porque, se o trabalho do aparelho mental se dirige no sentido de manter baixa a quantidade de excitação, então qualquer coisa que seja calculada para aumentar essa quantidade está destinada a ser sentida como adversa ao funcionamento do aparelho, ou seja, como desagradável (Freud, 1998, p. 11).

A opção por utilizar este conceito baseia-se mais na análise que Freud faz do homem na sociedade do que propriamente numa análise comparativa entre literatura e psicanálise.

A maneira de assim situar sua personagem principal denuncia a crítica aguda que Camus faz da sociedade e dos pactos que o homem estabelece – ou nega – para nela sobreviver. A vida nesta sociedade é considerada absurda, pois somos todos obrigados a nos submeter a regras, a uma moral, a um *código*, que nem sempre estão de acordo com nossa condição humana. O conjunto das leis é a maior obra de ficção que o homem criou. Claro que do outro lado o que existe é o caos, mas Camus tenta mostrar o que há *entre* o caos suposto e a ordem estabelecida.

O Sr. Meursault (não se conhece o primeiro nome da personagem) leva uma vida simples, sem ambições, sem planos e sem sobressaltos. Por sinal, ele não apenas dispensa como abomina qualquer manifestação que o tire do seu estado de equilíbrio – que pode ser interpretado como um torpor beirando o autismo. Ao mesmo tempo não se pode vê-lo como um alienado. Meursault é extremamente detalhista, atento em demasia – muito além do homem mediano – aos detalhes da vida e dos outros homens. O texto nos mostra longas descrições, como no momento em que o herói, após um dia com Marie, pára no restaurante de hábito,

quando entrou uma mulherzinha esquisita que perguntou se poderia sentar-se à mesa. É claro que podia. Fazia gestos bruscos e tinha olhos brilhantes, num pequeno rosto de maçã. Tirou o casaco, sentou-se, e consultou febrilmente o cardápio. (...) Enquanto esperava a entrada, abriu a bolsa, tirou um pequeno pedaço de papel e um lápis, fez a conta adiantada e depois tirou da carteira, acrescida da gorjeta, a quantia exata, que colocou diante de si. (...) Depois levantou-se, vestiu o casaco com os mesmos gestos precisos de automático, e foi embora (Camus, 1999, p. 97).

Meursault não apenas a descreve detalhadamente como também a segue por algum tempo e a reconhece, meses depois, entre a platéia de seu julgamento.

Parece absurda a maneira como de um lado ele tem um olhar que penetra em cada coisa e, do outro, um total desprezo por tudo o que é representativo dentro desse olhar. As relações sociais têm um peso meramente formal, como o horário a ser cumprido no escritório e o comparecimento ao enterro da mãe. Ele quebra a lógica social. Está *apenas* vivendo, mas não assina o acordo, não se submete ao jogo da sociedade. Embora pareça estar completamente inserido no cotidiano de um cidadão comum, Meursault tem uma vida apartada do sistema. A única coisa que tenta realmente preservar é o equilíbrio que o permite continuar vivendo. A sensação do absurdo é ainda mais sensível quando se trata de suas relações íntimas. Ele aceita, por exemplo, escrever uma carta para que Raymond Sintès (um gigolô a quem Camus dá o sobrenome de sua mãe) possa vingar-se de uma mulher, mas pouco se importa com o fato de ser ou não amigo de Raymond: “Tanto fazia ser ou não ser amigo dele, e ele parecia realmente ter vontade disso” (Camus, 1999, p. 47).

É preciso destacar que o desprezo por sentimentos como o amor e a amizade é, juntamente com as referências ao sol/luz/calor e à repetida assertiva *tanto faz*, uma chave importante na construção de Meursault. Não acredita no amor e acha que isso é sem importância para a vida. Há apenas momentos de prazer. Sua companheira, por exemplo, pergunta se ele a ama e se casaria com ela. Ele aceita casar-se imediatamente, caso seja essa a vontade de Marie, mas sabe – e declara – que não a ama. Mas Meursault *tem* sentimentos. Não se trata aqui de estabelecer o lugar-comum que tenta encontrar uma alma para o assassino e sim de, juntando os pontos desse jogo do absurdo, mostrar a coerência do herói não apenas com o seu ego, mas também – e principalmente – com a sociedade que o condena à morte.

Quando olha para Marie, seja na praia ou em casa quando ela sai do banho, Meursault a deseja. O desejo não necessariamente envolve o amor, nem dele depende para tornar-se um sentimento. Meursault repete mais de uma vez que não importa se existe ou não amor. Ele nega esse sentimento por considerá-lo mais uma convenção e este herói é o herói não-convencional por excelência. Mas há uma certa ternura no desejo que o une a Marie: “Querida, no entanto, que ela ficasse comigo, e disse-lhe que poderíamos jantar juntos no Céleste” (Camus, 1999, p. 46). Há também ternura naquilo que ele sente no momento em que Céleste termina seu depoimento, após repetir muitas vezes que tudo o

que estava acontecendo (a prisão, o julgamento) era uma grande tragédia. “Quanto a mim, nada disse, não esbocei gesto algum, mas foi a primeira vez na minha vida que tive vontade de beijar um homem” (Camus, 1999, p. 97).

Quando já está condenado, Meursault é tomado pela angústia e pelo medo:

Escutava meu coração. Não conseguia imaginar que este barulho que me acompanhava a tanto tempo pudesse um dia cessar. (...) Hoje ou daqui a vinte anos era sempre eu quem morria. Neste momento, o que me perturbava um pouco no meu raciocínio era esse frêmito terrível que sentia em mim ao pensar nesses vinte anos que faltavam para viver (Camus, 1999, p. 118).

Pensa também na mãe – buscando um conforto – quando ela dizia que há sempre alguém mais infeliz.

E qual o sentimento de Meursault quando atira no árabe? Ele acordara mal, passara por momentos de tensão durante os dois encontros na praia, voltara para não ter de ouvir novamente as mulheres (Marie e a esposa de Masson que choravam e estavam assustadas depois do episódio da briga que feriu Raymond) e por causa do calor. Nesse instante tinha apenas em seu pensamento a nascente fresca que brotava por trás do rochedo onde, ao retornar, encontrou o árabe. Fez um movimento brusco e o outro mostrou uma faca. O sol refletiu-se no metal e *tudo vacilou*. Neste momento o romance sofre a virada. Parece que Meursault mata não um homem, mas uma condição. Quando dá o primeiro tiro, numa mistura de medo e atordoamento, ele quebra o equilíbrio no qual estava mergulhado. O princípio de prazer aqui perde a validade, inverte-se, não o protege nem o garante, pois o preço pago foi a ruptura de um momento até ali feliz. A realidade caiu sobre ele como *a chuva de sol*. Os quatro tiros depois do primeiro não foram para matar o outro homem. Foram para matar aquilo que quebrou a estrutura, que destruiu o equilíbrio. Equilíbrio tênue no qual se apóia a vida da personagem. É como se ele quisesse voltar, refazer o momento de prazer. Ele mesmo se aplica uma pena, disparando mais quatro vezes. Tiros contra ele próprio que vão condená-lo – também. Tiros contra a sociedade do absurdo que vai condená-lo – também.

No entanto, tudo fica na superfície, como os tiros que disparou também teriam ficado caso não os tivesse acertado. Fica na superfície porque o que se vê no julgamento é uma tentativa – bem-sucedida – de incriminá-lo pelo abandono e morte de sua mãe, por não ter esboçado sentimentos de pesar, por não ter chorado durante o enterro. Pouco ou quase nada se fala no ato da praia, na morte do árabe. É quase uma

inversão da tentativa de assassinato, também absurda. O homem que *tenta* matar já é um assassino, independentemente dos efeitos desta ação. Muitas vezes a vítima não morre, mas o autor da tentativa continua sendo um assassino potencial. Assim como Meursault não o é, mas é julgado pelo efeito. Mais, é julgado por ter *enterrado a mãe com um coração criminoso*, como se a atitude distante durante o velório e o enterro fizessem dele o assassino do qual os jornais precisavam para vender notícias.

O absurdo do juiz de instrução que balança um crucifixo numa tentativa de exorcizar o *anticristo* no qual Meursault se transformara; o absurdo de Marie que aceita a resposta do namorado quando este afirma que se casaria também com outra que não ela, se estivesse na mesma situação; o absurdo de terem sido sete as testemunhas, entre as quais apenas duas deram um depoimento contrário – e referindo-se à relação que o acusado tinha com a mãe e não com o crime pelo qual estava sendo julgado –; o absurdo do promotor que pediu a pena de morte ter afirmado que Meursault era também culpado pelo próximo crime que seria apresentado naquele tribunal (um parricídio), nada disso é considerado. Esses absurdos foram abafados pelo absurdo de um homem que não entrou no jogo – também absurdo, mas aceito e legitimado – da vida em sociedade.

Quem é mais coerente?

Mais tarde ele justificaria seu ato por conta do sol forte. Ainda aí, nesta declaração que todos consideram absurda, há coerência no que diz. Ele sentiu assim, viveu assim o rompimento com o prazer. Esse foi o seu rito de passagem. O momento que o trouxe de volta, aos poucos, à realidade.

Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer (...) ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. (...) Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se-nos como o método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo (Freud, 1997, pp. 24-25).

Freud fala em *colocar o gozo antes da cautela*. É nesse ponto que Camus apóia a virada do texto. Meursault não refletiu, pois agia sempre no presente, no momento, sem preocupar-se com todas as regras do jogo ao qual estava submetido. O calor e o sol aumentam o cansaço, tornam o suor insuportável. Ele se deixa cegar pelas *lágrimas de suor*, cede a esse desconforto extremo com o qual não sabia lidar. Então o

gatilho cede e toda a realidade, como uma madalena mergulhada no chá proustiano, emerge da praia quente e clara: “E era como se desse quatro batidas secas na porta da desgraça” (Camus, 1999, p. 63).

A única vez em que Meursault diz que algo é importante – que importaria de fato para ele, ao contrário de sua repetida atitude de desprezo pelo jogo social – é quando, já condenado, pensa na possibilidade do indulto. Tudo o que faz nos últimos dias é aguardar a morte. Então quando imagina que pode evitar este momento – ainda que tenha a dimensão de tal absurdo –, o que sente é um alívio que o tranquiliza.

O problema era tornar menos impetuoso esse arrebatamento do sangue e do corpo que me animava os olhos com uma alegria insensata. Precisava ficar natural, mesmo nesta hipótese, para tornar mais plausível a minha resignação no primeiro caso. Quando conseguia, ganhava uma hora de calma. E isto, apesar de tudo, era importante (Camus, 1999, p. 118).

Nessa passagem ele reconhece não apenas o que é importante, como toma contato com sua *real* posição. Ele diz que *apesar de tudo* precisava daquela calma. Apesar das circunstâncias do crime que não foram levadas em consideração, apesar de não se sentir responsável pela morte da mãe – e que acabou condenando-o –, apesar da manipulação durante o julgamento e dos depoimentos, apesar de seu caso ter servido aos interesses do sensacionalismo, apesar de não entender por que finalmente aguardava o momento da sua execução. Mas, ainda aqui, ele procura manter o equilíbrio, o prazer.

E todo aquele *apesar de tudo* sai em forma de um acesso de ira quando o capelão insiste em vê-lo e, ao partir, diz que Meursault tem um *coração cego* e que rezará por ele. Meursault sente que algo *se parte dentro dele* e despeja no capelão “todo o âmagão do ‘seu’ coração com repentes de alegria e cólera” (Camus, 1999, p. 125). A mesma alegria do homem que atira o vidraceiro escada abaixo. Não espera que rezem por ele. Não quer o perdão simplesmente porque não se sente culpado. Não é um criminoso e essa é a sua verdade. Só nela poderia repousar seu equilíbrio.

Eu parecia ter as mãos vazias. Mas estava certo de mim mesmo, certo de tudo, mais certo do que ele, certo da minha vida e desta morte que se aproximava. Sim, só tinha isto. Mas ao menos agarrava esta verdade tanto quanto esta verdade se agarrava a mim. (...) Do fundo do meu futuro, durante toda esta vida absurda que eu levava, subira até mim, através dos anos que ainda não tinham chegado, um sopro obscuro, e esse sopro igualava, à sua passagem, tudo o que me haviam proposto nos anos, não mais reais, que eu vivia (Camus, 1999, p. 124).

Meursault alcança uma liberação libertando-se da culpa. Ele volta seu rosto para a sociedade que o condena e, por este espelho, faz com que nos reconheçamos na mesma situação. A primeira via é a do estranhamento. Jamais alguém poderia identificar-se com a total falta de reação de Meursault. Mas nesse momento de liberação, no qual ele exorciza mais uma vez o desprazer, sua coerência recobre-se de uma propriedade e de uma lucidez até então não demonstradas por ele. É o momento da *revelação*, a partir do qual ele passa a *enxergar* como *todo mundo*. Por isso está condenado à morte. A *realidade* do cotidiano não pode existir para Meursault. O pacto consigo mesmo está quebrado.

As últimas páginas do romance trazem um homem mergulhado em si. O contato com a realidade é também o contato com seus desejos secretos, seus medos, suas limitações mas, principalmente, com suas certezas e sua impotência ante o mundo que o cerca. Depois de seu desabafo diante do capelão, reencontra a calma: “A paz maravilhosa deste verão adormecido entrava em mim como uma maré” (Camus, 1999, p. 125). Aceita o destino e pensa na mãe que, “tão perto da morte deve ter-se sentido liberada e pronta a reviver tudo” (Camus, 1999). Ele também estava perto da morte, o que poderia representar o extremo desprazer, o desconforto total, o medo absoluto. Mas, ao contrário, a certeza de que o indulto não viria e a compreensão de sua condenação o mergulharam na paz. O fato de entender, ainda que fosse entender a própria sentença de morte, o liberou. “O princípio de prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte” (Freud, 1998, p. 81). Então Meursault foi coerente até o fim. O medo foi aplacado com a certeza do que estava por vir. Desde que conhecesse e dominasse esta sensação poderia suportá-la e entraria novamente no regime do princípio de prazer. Poderia tanto clamar pela vida bela, a que poderia ver através de uma vidraça colorida, quanto desejar que o *recebessem com gritos de ódio*. Seu único compromisso era consigo mesmo.

Referências

- Baudelaire, Charles. *Oeuvres Complètes*. Paris : Pléiade Gallimard, 1973.
- Camus, Albert. *O Estrangeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.
- Freud, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1998.
- _____. *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1997.
- Melançon, Marcel. *Albert Camus. Analyse de sa pensée*. Paris: Librairie Klincksieck, 1978.
- Rosa, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.